

**Rádio Farroupilha de Porto Alegre:
um breve histórico e algumas contribuições de sua programação
para a cena musical entre os anos 1940 e 1960**

Kênia Simone Werner
UFMG/PPGMUS/DOCTORADO
SIMPOM: *Música e Cultura*
keniaw@terra.com.br

Resumo: Este artigo trata da trajetória da Rádio Farroupilha, emissora fundada em 1935 em Porto Alegre, pelo então interventor do Estado do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, e posteriormente pertencente ao Grupo de Assis Chateaubriand. Com altas possibilidades técnicas para a época e concepções comerciais, a Rádio conquistou uma das maiores audiências do Estado mantendo uma variada programação. Com uma orquestra e outros vários conjuntos musicais, a Rádio Farroupilha mantinha cinco maestros e trouxe à Porto Alegre um grande número de artistas nacionais, como Carmem Miranda e Mário Reis. Depois de exposta uma breve história da emissora, são analisados dois de seus programas. Um chamado Teatro Lírico Farroupilha (1948) que transmitia árias de óperas cantada por amadores porto alegrenses, oportunizando aos ouvintes um repertório lírico facilmente acessível. O outro, chamado Clube do Guri (1950 a 1966), um programa de auditório que lançou cantores de renome nacional, como a cantora gaúcha Elis Regina e contribuiu para que milhares de crianças tivessem oportunidade de apresentarem-se em palcos gaúchos.

Palavras-chave: Rádio Sociedade Farroupilha; Teatro Lírico Farroupilha; Clube do Guri.

Farroupilha Radio Station in Porto Alegre: a Brief History and some Contributions of its Programming to the Musical Scene between the 1940's and the 1960's

Abstract: This paper addresses the trajectory of Farroupilha Radio Station, which was founded in 1935 in Porto Alegre by the temporary governor of Rio Grande do Sul State at that time. After that, it belonged to Assis Chateaubriand Group. With high technological possibilities and commercial concepts at that time, the radio station reached one of the highest ratings of the State and offered a varied programming. With an orchestra and many other musical groups, Farroupilha Radio Station had five orchestra conductors and brought a huge number of national artists, such as Carmem Miranda and Mário Reis, to Porto Alegre. After presenting a brief history of the radio station, two of its programs are analysed. One of them is called Teatro Lírico Farroupilha (1948) and it broadcast opera arias sang by amateurs from Porto Alegre, which provided the listeners with an easily accessible lyrical repertoire. The other program, a studio-based one, is called Clube do Guri (1950 - 1966) and it launched nationally renowned singers, such as Elis Regina. In addition, this program gave the opportunity for thousands of children to perform on stages in Rio Grande do Sul State.

Keywords: Farroupilha Radio Station; Farroupilha Lyric Theatre; Clube do Guri.

1. Início da Rádio Farroupilha

A Rádio Sociedade Farroupilha (como foi inicialmente chamada) foi inaugurada no dia 24 de julho de 1935. Tendo sido anunciada desde o ano anterior, a inauguração foi um grande evento, com alto-falantes pelas ruas da cidade instalados para a transmissão ao vivo de nada menos que dois ícones da música brasileira da época: Carmem Miranda e Mário Reis. Fundada pela família do General Flores da Cunha, então interventor do estado do RS, a rádio iniciou suas atividades com sólida estrutura tecnológica. Possuía “um transmissor de 25kW e uma garantia de propagação livre, sem outras emissoras na mesma frequência, com um canal exclusivo internacional” (FERRARETTO, 2002, p. 126). Além da estação de rádio, Flores da Cunha havia comprado dois diários, o Jornal da Manhã e o Jornal da Noite, como parte das estratégias para firmar sua posição política.

Diferentemente das outras emissoras porto-alegrenses, a Farroupilha, com amplo aparato técnico e também com propósitos comerciais, passou a se destacar pela sua programação.

Ao transmissor de 25kW, o mais potente do país, e ao canal livre internacional, associava-se uma programação artística que reunia conhecidos músicos da época e à qual se iria juntar, logo em seguida, a dupla Pery e Estelita, responsável pelo desenvolvimento do radioteatro no Rio Grande do Sul. Nas primeiras semanas de agosto de 1935, já fica claro que a PRH-2 [prefixo adotado pela emissora] estava introduzindo um nível de profissionalização diferente do até então existente. Mesmo permanecendo no ar por um período menor do que a Rádio Difusora [outra emissora gaúcha], a Farroupilha irradia mais tempo ao vivo, programando apresentações de seus músicos contratados – reunidos na Orquestra Internacional, na Orquestra Típica e no Conjunto de Jazz – para a faixa das 12 às 13h, alternando os quartos de hora com gravações de sucesso de então (FERRARETTO, 2002, p. 131.)

De fato, essa programação de destaque incluía um grande número de músicos contratados. Além do elenco fixo, muitos astros e estrelas de renome nacional eram trazidos a Porto Alegre, sendo que, com apenas dois anos de existência, a emissora já trouxera Aurora Miranda, Carmem Miranda, Bando da Lua, Francisco Alves, Gilda de Abreu, Lamartine Babo, Mário Reis e Vicente Celestino (FERRARETTO, 2002, p. 136).



Fig. 1: Parte do elenco da Rádio Farroupilha (Museu Histórico Visconde de São Leopoldo).

A partir de 1937, no entanto, a situação política do Estado desestabiliza-se em função de velhas desavenças entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas. Em outubro do ano anterior alguns deputados liberais votaram contra o candidato indicado por Flores para a Vice-Presidência da Assembleia Legislativa. Esse “racha” no partido ficou conhecido como “Dissidência Liberal” e acabou contribuindo efetivamente para a derrocada do intendente, pois os dissidentes representaram mais uma arma de Vargas na queda de braço que vinha sendo travada entre os dois políticos desde 1933. O desfecho da história foi a renúncia de Flores no final de 1937 e sua fuga para o Uruguai (TRINDADE, 1980). O agravamento da situação política acabou por refletir-se na situação econômica da família Flores da Cunha, culminando na venda da Rádio Farroupilha para os Diários e Emissoras Associados, em 1943.

O proprietário do conglomerado Diários e Emissoras Associados era Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968), um paraibano que, tendo lançado seu primeiro jornal em 1924, na década de 1940 possuía a maior cadeia de meios de comunicação do Brasil. Em praticamente todos estados brasileiros havia emissoras de rádios e jornais do grupo, conferindo a Chateaubriand poderosa influência sobre políticos e empresários brasileiros. Foi inclusive através dele que a televisão chegou ao Rio Grande do Sul nos anos 1960 (MORAES, 2009).

A incorporação da Farroupilha ao grupo de Chateaubriand remodelou as bases da emissora que passou a ser “uma indústria de produção de conteúdo voltada ao entretenimento e caracterizada por produtos de largo consumo, como as novelas radiofônicas, os programas de auditório e os humorísticos” (FERRARETTO, 2002, p. 145). Essa era uma tendência que já

vinha se configurando nas rádios brasileiras, principalmente no centro do país. Desde a década de 1930 as emissoras já vinham introduzindo o elenco fixo com remuneração mensal. Gisela Swetlana Ortriwano diz que

A partir daí começa a corrida e as grandes emissoras contratam a peso de ouro astros populares e orquestras filarmônicas. E mesmo as emissoras de pequeno porte procuram também ter o seu pessoal fixo. Essa mudança aguçou – ou mesmo desencadeou – o espírito de concorrência entre as emissoras, inclusive as de outros estados, que imitavam a programação lançada pela Record. (ORTRIWANO *apud* FERRARETTO, 2002, p. 153.)

A Farroupilha era conhecida como a mais potente, liderando a audiência. Além de uma discoteca reconhecida como a mais completa de todas, mantinha uma orquestra, a PANFAR, que contava com 34 músicos extremamente competentes. Roberto Eggers (1899-1984), um dos maestros da emissora, em entrevista concedida ao jornalista San Martin confirma:

Nossa orquestra era das mais capacitadas. Tocávamos de tudo, tínhamos os melhores músicos da cidade e enfrentávamos tanto o jazz como o popular, a música de concerto e até promovemos concertos radiofônicos com cantores líricos. (*Correio do Povo*. Porto Alegre, 29 jun. 1980.)

O diretor musical era o maestro Salvador Campanella (1907-1985), um italiano radicado em Porto Alegre. Além dele, também trabalhavam na rádio como maestros, Roberto Eggers, Manso, Karl Faust, e Morpheu Belluomini. (DILLENBURG, 1990, p. 106). Segundo depoimento do radialista Enio Rockenbach, Campanella era o responsável pela distribuição das tarefas. Ele definia o maestro que ficaria responsável por cada programa.

O fato de a emissora comportar cinco maestros demonstra que a Farroupilha, além de ser a mais potente em termos técnicos, tinha também uma estrutura sólida que lhe garantia a liderança da audiência na região. Escreve Sérgio Dillenburg, “a Rádio Farroupilha mantinha por essa época [1943] o maior número de ouvintes, longe mesmo da Difusora e da Gaúcha. E para continuar com esta preferência, mensalmente eram introduzidos novos programas e retirados os de menos audiência” (DILLENBURG, 1990, p. 55).



Fig. 2: Orquestra da Rádio Farroupilha (Museu Histórico Visconde de São Leopoldo).

2. O incêndio: uma nova fase da emissora

Um sério incidente, porém, veio balançar as estruturas da Farroupilha em 1954. Pertencente ao grupo empresarial de Assis Chateaubriand, o posicionamento político de seu proprietário refletia a posição política da rádio. Chateaubriand, que apoiava Carlos Lacerda, adversário político de Vargas, não só deixava transparecer suas opiniões em seus veículos de comunicação como os usava para defender interesses de seu candidato. O acontecimento que teria culminado na morte de Vargas é explicado por Dias:

Chatô [Assis Chateaubriand] alia-se a Lacerda numa campanha contra o jornal getulista “Última Hora”, de propriedade do seu antigo funcionário Samuel Wainer que tinha posições claras a favor do governo Vargas e por isso ganhava benefícios financeiros e apoio político. Foi nesse universo paralelo, onde as vaidades ferviam e tomavam forma, que o jornalista Carlos Lacerda foi alvo de um atentado que culminou com a morte do Major aviador Rubens Florentino Vaz e o sequente suicídio do Presidente Vargas. Uma revolta tomou conta do país. Os getulistas ficaram contra as Forças Armadas que instauraram um Inquérito Policial-Militar para apurar as investigações do crime da Rua Toneleros. (DIAS, 2008, s/p.)

A edição do dia 21 de agosto de 1954 da revista “O Cruzeiro”, também de propriedade de Chateaubriand, publicou um artigo não assinado, dando a entender que o atentado fora obra do Palácio do Catete, a fim de silenciar Carlos Lacerda (O CRUZEIRO apud Dias, 2008). Note-se que essa edição foi publicada três dias antes do suicídio de Getúlio Vargas.

Essa posição política firmada e declarada despertou a ira de alguns. No dia 24 de agosto, assim que anunciada a morte de Getúlio Vargas pelo microfone da própria Farroupilha, populares getulistas invadiram o prédio e o depredaram totalmente, ateando fogo

nas dependências da rádio. Segundo Sérgio Dillenburg (1990, p. 101-2), ficaram apenas as paredes em pé. Funcionários ficaram presos, detidos pelas chamas, resultando em alguns seriamente feridos. Nesse incidente todo material da rádio foi destruído, incluindo instrumentos, partituras e a discoteca da rádio, que se configurava numa das maiores do Rio Grande do Sul. Vieram tempos difíceis para os funcionários da Rádio. É novamente Dillenburg que conta a situação precária em que a emissora ficou:

Diante deste fato a emissora ficaria fora do ar durante várias semanas. Quando retornou, na Rua Siqueira de Campos, precariamente, não era nem de longe a mesma Farroupilha de outrora. A programação tornara-se improvisada, a publicidade diminuiu e o faturamento baixou a níveis perigosos. Os salários dos funcionários deixaram de ser pagos, predominando os “vales” semanais, sempre insuficientes. Apesar destas dificuldades, operadores, pessoal do escritório, enfim, todo o corpo de empregados, continuaram a trabalhar normalmente, acreditando que de uma maneira ou de outra as soluções seriam encontradas. Seriam, de fato, mas a longo prazo e a um custo alto. O espírito corporativista e o empenho de alguns, por fim triunfariam (DILLENBURG, 1990, p. 102).

A Farroupilha se instalara num velho casarão junto à Rádio Difusora, com um pequeno auditório, onde não era possível continuar sua programação normal. Os funcionários se mantinham como podiam, complementando sua renda com outras atividades. Uma das soluções encontradas foi excursionar pelo interior do estado fazendo apresentações em teatros ou mesmo em praças públicas. A emissora, enfim, se recuperou e continuou até a década de 1960 com suas variadas programações, quando apareceram as primeiras TVs em Porto Alegre. Na década de 1970 a orquestra da emissora já havia se extinguido, a música ao vivo na rádio já não acontecia. Muitos radioatores, radialistas e músicos foram para a TV.

Em agosto de 1957 formou-se no Rio Grande do Sul a Rede Brasil Sul de Comunicações, contando com as radioemissoras Rádio Gaúcha, Rádio Farroupilha, Rádio Metrópole, Rádio Porto Alegre, Jornal Zero Hora e mais oito emissoras de televisão, grupo a qual a Rádio Farroupilha pertence e se mantém ativa até os dias de hoje.

Dentre os diversos programas da Rádio Farroupilha, dois deles merecem destaque: O Teatro Lírico Farroupilha e o Clube do Guri. O primeiro por levar ao público o canto lírico por amadores de Porto Alegre e o segundo por ter oportunizado a crianças e jovens mostrarem suas habilidades artísticas em um palco, tendo sido, inclusive, o primeiro palco onde Elis Regina se apresentou.

3. Teatro Lírico Farroupilha

O Teatro Lírico Farroupilha foi uma programação criada pela Rádio Sociedade Farroupilha em 1948. Por uma iniciativa de Roberto Eggers e Salvador Campanella, musical da rádio, organizou-se a apresentação de óperas em forma de concerto no teatro da rádio. Esses espetáculos eram ao vivo, abertos ao público e transmitidos pela emissora. Cada programa, de acordo com o roteiro diário publicado na imprensa, ia ao ar aos sábados, às 21 horas, e durava de uma hora a uma hora e quinze minutos, dependendo do dia. As óperas eram apresentadas com a orquestra da rádio e cantadas por amadores de Porto Alegre. Pela duração do programa, podemos concluir que, embora anunciadas as óperas no todo, não eram apresentadas na íntegra. Infelizmente, não é possível saber a respeito da sonoridade desses programas, pois não há gravações.

Pelos anúncios da imprensa estavam previstas a encenação de *La Traviata*, *Il Rigoletto*, *Il Trovatore*, *Aida*, *Tosca*, *La Boheme*, *Madame Butterfly*, *Lucia de Lamermour*, *Don Pasquale*, *Elisir Damore*, *Norma*, *Barbiere di Siviglia*, *Il Guarany*, *Lo Schiavo*, *Colombo*, *Iris*, *Cavaleria Rusticana*, *I Pagliacci* e *Farrapos*. Os programas iniciaram em 20 de março de 1948 e encerraram dia 11 de setembro do mesmo ano. Algumas óperas foram repetidas, “a pedidos”, como divulgava a imprensa.¹ No primeiro sábado de cada mês eram cantadas árias de diversas óperas no mesmo programa. Chama atenção que a apresentação de *Farrapos*, única ópera do programa composta por um compositor gaúcho, Roberto Eggers, em 1936, prevista para ir ao ar no final da temporada, não aconteceu. No anúncio do encerramento foi divulgado que “novas realizações serão [seriam] apresentadas, no gênero, aos ouvintes da P.R.H 2” (Diário de Notícias. Porto Alegre, 11 set. 1948). Porém, essas novas realizações não voltaram a acontecer.

Participaram nomes como Branca Bagorro, Lidia Rossi, Myrtes Landi, Lia Lawrence, Iracema Diehl, Herta Hillmann, Aimée Portalet, Gilda Longchamps, Nino Valente, Renaud Jung, Rafael José Azambuja, Hugo Cesarini, Louis Germont, Francisco Cauduro, Alibio Manganeli, Cláudio Figueiredo, Carlos Zanota (WERNER e BARBEITAS, 2012).

Um dos grandes méritos dessas iniciativas no canto lírico por amadores foi justamente a oportunidade proporcionada a esses intérpretes de participarem de espetáculos líricos e revelar, talvez, profissionais que pudessem atuar em âmbito profissional. E ao lado disso, o Teatro Lírico Farroupilha representou uma significativa penetração social da música

¹ Como foi o caso da reprise de *La Traviata*. (Diário de Notícias. Porto Alegre, 10 jul. 1948.)

lírca, certamente multiplicando seu acesso ao público não só por permitirem a audiência no teatro da rádio, mas também pela transmissão do evento.

4. Clube do Guri

O Clube do Guri foi um programa de auditório da Rádio Farroupilha em que crianças e jovens apresentavam-se cantando, dançando, tocando instrumentos, declamando, ou como locutores ao vivo. O programa durou entre os anos de 1950 até 1966. Sua realização era feita no Auditório da Rádio, inicialmente na Sede da Rua Duque de Caxias e, após o incêndio, na Rua Siqueira Campos. Em datas festivas, o programa realizava-se em teatros e cinemas da cidade, bem como em escolas e universidades. Posteriormente o programa passou a ser transmitido em várias cidades do interior do Rio Grande do Sul, passando inclusive a realizar-se em alguns teatros do interior do estado, como o Cine Guarani, em Pelotas. O programa era patrocinado pela fábrica de chocolate Neugebauer, que fornecia os prêmios distribuídos aos participantes, brindes, cachês para as secretárias e ainda financiava as viagens ao interior do estado. Cada programa continha cerca de treze apresentações. Os ensaios eram feitos aos sábados sob a orientação do pianista Ruy Silva. No domingo, dia do programa, o acompanhamento musical era feito pelo Conjunto Regional da Rádio Farroupilha² “formado por instrumentos como flauta, cavaquinho, violão, violão tenor, bateria, pandeiro. Entre os músicos que integravam o conjunto estavam Antoninho Maciel, Plauto Cruz, Vitor Abarno, também conhecido como Japonês, Zeno Ribeiro e Zico” (SCHMITT, 2004a, p.75).

O programa é conhecido por ter levado a cantora Elis Regina pela primeira vez aos palcos, nos anos 1950. Mas ele significou muito mais que isso. Marta Adriana Schmitt (2004), ao investigar a contribuição do programa na formação musical de crianças e jovens que dele participaram, chega as seguintes conclusões:

Durante os dezesseis anos em que o *Clube do Guri* se manteve no ar, de 1950 a 1966, milhares de crianças e jovens entre 5 e 15 anos de idade nesse se apresentaram. [...] Ao mesmo tempo em que o *Clube do Guri* oportunizava aos participantes mostrarem seus conhecimentos e vivências musicais, também estimulava que buscassem novas canções, trabalho de expressividade, posicionamento em palco, uso de microfone e canto em grupos (SCHMITT, 2004a, p. 147.)

E ainda,

O formato do programa, com crianças atuando no palco, incentivou o surgimento de diversos programas similares, contribuindo para a solidificação da cultura do nosso estado. O aspecto lúdico é outro elemento importante no *Clube do Guri*, pois as

² Conjunto Regional eram como denominavam-se os conjuntos que tocavam música brasileira, especialmente chorinho.

crianças participavam de forma espontânea e prazerosa, integrando esta atividade no seu dia-a-dia. O programa mobilizava centenas de pessoas, que lotavam auditórios e cinemas de Porto Alegre, além da grande audiência no interior do estado (SCHMITT, 2004b, p. 17.).

Considerações finais

A Rádio Farroupilha, antes da chegada da televisão ao Rio Grande do Sul, foi um dos maiores veículos de comunicação do estado. Sempre com uma aguçada visão comercial, seus administradores investiram em grandes eventos e programas que envolvessem a população. Desde sua inauguração, trouxe grandes ícones da música ao estado, além de promover eventos para levar ao público artistas locais. Sua variada programação proporcionou à população o acesso a um repertório eclético bem como a participação de crianças e adultos nos programas de auditório, contribuindo para a educação musical e formação de profissionais. Por essas características da Rádio Farroupilha podemos dizer que é uma página importante para a musicologia do Rio Grande do Sul, merecendo estudos de peso sua vasta e rica programação.

Referências

- DIAS, Bibiana Soldera. A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olhar de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista O Cruzeiro. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 9., 2008, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. [online].
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Os anos dourados do rádio em Porto Alegre*. Porto Alegre: ARI CORAG, 1990.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais*. Canoas: ULBRA, 2002.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- SAN MARTIN, Eduardo. Missões: Roberto Eggers compõe uma ópera para reviver a tradição lírica. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 29 jun. 1980.
- SCHMITT, Marta Adriana. *O rádio na formação musical: um estudo sobre as ideias e funções pedagógico-musicais do programa Clube do Guri (1950-1966)*. 2004. Dissertação (Mestrado em Música), Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004a.
- _____. Participar do Clube do Guri era como hoje aparecer na televisão: um estudo sobre a programação infantil no rádio gaúcho (1950-1966). In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2, 2004, Florianópolis. GT História da Mídia Sonora. Florianópolis, 2004b.
- TEATRO Lírico Farroupilha. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 10 jul. 1948.

TEATRO Lírico Farroupilha. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 11 set. 1948.

TRINDADE, Héliqio (Org). *Revolução de 1930: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

WERNER, Kênia Simone; BARBEITAS, Flavio. Cenas históricas do canto lírico por amadores em Porto Alegre. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 22, 2012, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa, 2012.